

De pó e de lama

Há só duas estações nessa terra altiplana. Ou a umidade cai a níveis sufocantes, ou o frio vem acompanhado de longos dias de chuva

ROVÊNIA AMORIM

DA EQUIPE DO CORREIO

A família de Jarindo Thomaz da Silva mora desde 1964 na cidade serrana do Distrito Federal. Sobradinho é considerada a nossa Petrópolis pelo friozinho do curto inverno de maio a julho. Mas de uns anos para cá, a neblina não cobre mais com tanta frequência as montanhas que cercam a cidade. Jarindo desconfia que o desmatamento afugentou o frio temido, que fazia a mulher ressuscitar os cobertores de lã e enfiar touca na cabeça dos cinco filhos.

“Virou tudo condomínio, e aquela cerração tem tempo que não chega aqui mais”, conta o homem de 72 anos, que, de 1976 a 1984, ganhou dinheiro como fiscal de bilhetes em cinema. Ele era encarregado de evitar que os ingressos vendidos fossem usados novamente. Um tempo que não existe mais. Nem a profissão dele nem o clima que o fazia enfiar os pés em meias de lã e tomar conhaque para ver se espantava o frio. “Era de rachar, eu não sentia nem o pé no sapato”, lembra o morador do Condomínio Verde Vale, em Sobradinho. A mulher, Maria Dias

Chagas, de 70 anos, balança a cabeça para concordar. “Aquele frio todo não existe mais”, avaliza.

A família de Jarindo e outros tantos brasilienses reclamam é do calor que parece aumentar ano a ano. E não é apenas sensação térmica. O chefe da Previsão do Tempo do Instituto Nacional de Meteorologia, Francisco de Assis, afirma que na última década a temperatura no Distrito Federal aumentou em um grau. “Parece pouco, mas não é. Tem semana que chega a ficar até três graus acima da média histórica do mês.” Em setembro do ano passado, os termômetros marcaram 33,8°, a segunda maior temperatura de Brasília desde 1962, quando se iniciaram as medições na cidade.

O recorde de calor foi verificado em 1963, quando a temperatura máxima chegou a 34,5°. “Foi um ano atípico, por causa da estiagem prolongada de 164 dias sem chuva, o maior período de seca no DF”. O meteorologista também desconfia que o calor tem a ver com o desmatamento do cerrado e o aquecimento global, que ameaça derreter as geleiras dos pólos. “Brasília também cresceu”, aponta Francisco de Assis. Há mais carros, mais asfalto e mais construções no quadrilátero.

Foi do astrônomo Luiz Cruls a primeira descrição do clima na região reservada à construção de Brasília. Um clima, segundo ele, aprazível, de fácil adaptação, onde nunca o frio ou o calor são excessivos. As medições daquela época revelam temperaturas baixas, inclusive abaixo de zero nos idos de 1892, quando as geadas cobriam a vegetação. A temperatura média anual estipulada na região explorada foi calculada em 19,5°. Índice inferior ao registrado na antiga capital da época, o Rio de Janeiro, que registrava temperatura média de 23,4°.

O observatório meteorológico de Cruls foi instalado nas proximidades do acampamento, a 5 quilômetros do local onde hoje está o cruzeiro de Brasília. Foram feitas observações meteorológicas durante todo o ano de 1895. Atualmente, a temperatura média anual histórica de 30 anos no DF é de 21,2°. Na última década, o ano mais frio foi o de 1996, quando se registrou mínima de 6,9°. A mudança climática também se reflete na umidade relativa do ar, que atinge níveis cada vez mais críticos desde a década de 90. Chegou duas vezes a 10% nos últimos quatro anos — em agosto de 2001 e setembro de 2004.

O clima na região do Planalto Central pode ser re-

sumido em duas estações: uma quente e chuvosa, entre outubro e abril. É o verão. O inverno, com clima seco e frio, ocorre entre maio e setembro. É durante os meses de estiagem que as pessoas mais reclamam dos efeitos do clima na saúde. “O pulmão e a pele são as partes do corpo que mais se ressentem da mudança climática. É quando surgem as doenças respiratórias, as alergias e a pele sente falta de hidratação”, explica o pneumologista Ricardo Martins, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília (UnB).

Clima de Saara

Tanto calor e seca levam o brasiliense a comparar o clima daqui ao deserto do Saara. Um exagero, segundo Juliana Ramalho Barros, professora de Geografia do Meio Ambiente e de Meteorologia e Climatologia na UnB. “Criou-se esse mito que não corresponde à realidade. “No deserto não chove ou chove muito pouco. As duas horas de chuva daqui equivalem ao índice pluviométrico de cinco anos num deserto”, compara.

Apesar da tendência recente de mais calor no verão e menos frio no inverno, segundo os dados do Inmet, o clima no Distrito Federal não apresentou mudanças com relação às chuvas, de acordo com a conclusão da tese de mestrado da professora Juliana Ramalho. É um mito também achar que chovia menos ou mais antigamente. “Chove tanto quanto antes”, afirma. “Sempre existirão as excepcionalidades. Isso não é de hoje. O clima é dinâmico”, explica a professora.

O ano de 1965 foi o mais chuvoso na história do DF. O índice pluviométrico foi de 2.044mm, maior que o da média anual, que é de 1.552mm. Em 1986 choveu menos — o menor índice da história: 1.006mm. Desde a década de 90, apenas dois anos registraram índice pluviométrico acima da média anual do Distrito Federal. Ano passado, choveu 1.598mm e, em 1992, 1.837mm.